

A ética como condição indissociável do *ser mais* em Paulo Freire

Geraldo Mateus de Sá*

Resumo

Este artigo aborda a temática da ética freiriana em sentido da totalidade do ser humano, considerando a viabilidade ou a inibição da conduta humana segundo os valores socialmente adquiridos. Nesse sentido, Paulo Freire asseverou que é em comunhão entre os seres humanos que a ética, de fato, concretiza-se. Por essa razão, toda escolha ética é, na verdade, uma escolha política. Isso implica, portanto, a necessidade de o oprimido autolibertar-se para poder dizer ética e politicamente a sua palavra libertadora. Como resultado, espera-se que a compreensão do legado ético freiriano contribua para a promoção de uma educação libertadora e humanizadora de homens e de mulheres, de educadores e de educandos.

Palavras-chave: ética; liberdade; Paulo Freire.

Ethics as an inseparable condition of be more in Paulo Freire

Abstract

This paper addresses the question of Freirean ethics in the sense of the totality of the human being, considering the viability or inhibition of human behavior according to socially acquired values. In this sense, Paulo Freire asserted that it is in the communion between human beings that ethics really materializes. For this reason, every ethical choice is in reality a political choice. This supposes, therefore, the need for the oppressed to liberate themselves to be able to speak their liberating word ethically and politically. As a result, it is hoped that an understanding of Freire's ethical legacy will contribute to the promotion of a liberating and humanizing education for men and women, educators, and students.

Keywords: ethics; freedom; Paulo Freire.

La ética como condición inseparable del ser más en Paulo Freire

Resumen

Este artículo aborda la cuestión de la ética freireana en el sentido de la totalidad del ser humano, considerando la viabilidad o la inhibición del comportamiento humano según los valores socialmente adquiridos. En este sentido, Paulo Freire afirmó que es en la comunión entre los seres humanos donde se materializa verdaderamente la ética. Por este motivo, toda elección ética es en realidad una elección política. Esto supone, por tanto, la necesidad de que los oprimidos se auto liberen para poder decir ética y políticamente su palabra liberadora. Como resultado, se espera que la comprensión del legado ético de Freire contribuya a la promoción de una educación liberadora y humanizadora para hombres y mujeres, educadores y estudiantes.

Palabras clave: ética; libertad; Paulo Freire.

*Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/Goiás). Mestrado em Educação pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Professor da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e da SEDUC/PA. Membro do Núcleo de Estudos Corpo, Cultura, Linguagem e Expressão (NECCEL/UFSJ) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Social (GEPES/UEPA).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4189-5288>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2445557074666487>. E-mail: geraldomateusdesa@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Em linhas gerais, a ética é uma teoria filosófica que fundamenta a compreensão dos princípios os quais orientam as ações humanas na perspectiva das noções de bem e de mal. Do grego *ethos*, quer dizer hábito, comportamento, modo de ser. No campo filosófico atual, abrange discussões e reflexões em uma vasta área do conhecimento, como na ciência, na política, na psicologia, na educação, na pedagogia, etc. Reflete sobre as razões de se almejar a justiça, a liberdade, o bem-estar social e a outras tantas questões imanentes à conduta humana em sociedade, em relação com/ao outro.

O termo ética, assim como a liberdade, está no rol daqueles mais utilizados na filosofia e nas ciências humanas de maneira geral, tal como é portador de várias conceitualizações e definições, às vezes até divergentes ou mesmo contraditórias entre si, a depender de seu referencial de origem. Na filosofia, esse conceito se desdobra em diferentes acepções e linhas de abordagem. Como área de destaque na filosofia, estuda os princípios que orientam as ações humanas e a capacidade de, em liberdade, os seres humanos avaliarem e fazerem suas escolhas no âmbito daquilo que consideram bem ou mal, certo ou errado, justo ou injusto, etc. Portanto, não existe conduta ética sem liberdade e sem relação com o outro.

Mesmo aparecendo, de forma explícita, uma única vez em *Pedagogia do oprimido*, qualitativamente, é um dos conceitos que mais baliza o discurso freiriano. É uma palavra forte, cheia de sentido na vida de Paulo Freire. E, se entendida de maneira mais universalizante no seu sistema pedagógico, é teoria e ação, é práxis de homens e de mulheres existindo em liberdade, consigo mesmos e com os outros. Somente existe ética no âmbito das relações e das ações humanas perpetradas em sociedade.

No sistema freiriano, em particular, a noção de ética tem sentido de práxis, porque não é somente reflexão, mas todo o quefazer em consideração à existência do outro. Sem delongar no vasto campo de discussão das questões éticas gerais, as inferências constituídas, neste texto, remetem exclusivamente ao ponto de vista ético freiriano vinculado à educação como prática da liberdade. Isso significa tomar esse recurso em defesa da libertação, da dignidade dos oprimidos. Em sentido mais amplo, vale lembrar que Paulo Freire não sobrepõe os seres humanos a outras formas de vida com as quais compartilham o mesmo mundo. Defendeu, sim, a necessidade de se interiorizar a exigência ética do limite de *ser livre*, não

através do medo ou da licenciosidade, mas da autolimitação do senso de fazer ou de deixar de fazer algo.

SER ÉTICO PARA *SER MAISEM* PAULO FREIRE

A liberdade, que não se efetiva numa situação solipsista, é condição imprescindível da ética enquanto práxis política, social, cultural, pedagógica. A visão de homem e de mundo, nesse sentido, vincula-se à liberdade como condição fundamental de toda eticização possível. Paulo Freire entendeu que a liberdade, se temerosa de determinado castigo, não eticiza. Ao contrário, o castigo não permite escolher, cria docilidade, silencia e subjuga. E pessoas silenciadas não denunciam as injustiças e, muito menos, falam por si mesmas. Só existe ética na condição de se *estar sendo* livre, em coerência com o que se fala e o que se pratica. Desse modo, “[...] a coerência não é um favor que fazemos aos outros, mas uma forma ética de nos comportar” (Freire, 2000, p. 45) e de ser com o outro. Por isso, homens e mulheres precisam fazer-se livres para escolher a forma de como ser eticamente na sociedade.

Toda noção ética é uma construção antropológica e sociopolítica, que viabiliza ou inibe a conduta humana, regida por um rol de valores socialmente adquiridos. É na comunhão entre os seres humanos que a ética se concretiza, não na forma de uma conduta ascética ou impositiva. A dimensão ética implica escolha, aceitação, convicção e, prioritariamente, ser livre. E toda escolha ética é, na realidade, uma escolha política. Logo, o oprimido autolibertar-se para poder dizer ética e politicamente a sua palavra é uma das principais implicações do pensamento de Paulo Freire.

Sua concepção ética é, com distinção, libertadora e humanizante; por isso, vinculada à condição existencial de todo ser humano oprimido precisar superar as causas da opressão individual e coletiva. Nesses termos, sua postura ética encontra-se no “[...] ensinamento da inconformidade diante das injustiças, o ensinamento de que somos capazes de decidir, de mudar o mundo, de melhorá-lo” (Freire, 2000, p. 75) a fim de vencer a contradição da presença dos seres humanos numa sociedade de classes, onde existem oprimidos e opressores em superabundância.

De tal modo, a educação que se pretende ética e eticizante é, portanto, uma educação da indignação. Na relação de Paulo Freire com o mundo concreto sempre afloraram questões muito pontuais, em que se apresentava uma crítica às grandes cosmovisões, como a

ética transcendental ou a epistemologia essencialista, o que o levou “[...] a questionar a existência de uma teleologia política com fins perfeitamente claros e delimitados” (Mejía, 2014, p. 66) da realidade humana.

Por conseguinte, esse educador sempre falou de uma ética que se opõe a toda ação desumanizante, como a opressão, a injustiça e a exploração. Assim sendo, ela senta suas bases na solidariedade enquanto compromisso de lutar para oprimidos e opressores vencerem a desumanização que, igualmente, coisificam-nos. A pretensão freiriana foi, por certo, que homens e mulheres, uma vez objetificados, pudessem libertar-se e tornar-se sujeitos de sua própria história. Dessa visão compreende-se que um “[...] direito de que resulta a desumanização das classes populares” (Freire, 2020b, p. 125) nem é moralmente direito e muito menos ético. Mesmo sendo legal ou admitido socialmente, tudo que desumaniza afronta a ética e a dignidade humana. No entanto, superar o problema da injustiça não é fácil, ainda mais distanciado dos preceitos éticos que, necessariamente, precisam ser, em consequência, libertadores. Caso contrário,

[...] não nos tornamos seres éticos, não saberemos o que significa ser ético, no que nos faltaria aquele ponto de referência. Um dos requisitos éticos que temos como seres históricos é a busca da coerência. É precisamente a falta de coerência histórica que explica o machismo¹ do homem oprimido, [...] que proibia sua esposa oprimida de aprender a ler. Então, a questão de identidades complexas não é apenas técnica, ou política, ou pedagógica; é também uma questão ética (Freire, 2014, p. 98).

E por ser essa uma questão ética, o projeto de sociedade idealizado por essa perspectiva relaciona-se a uma ética condizente à justiça social e à solidariedade humana. Sua coerência, entretanto, “[...] não é medida por afinidade ou fidelidade a determinada teoria, mas é determinada fundamentalmente por opções éticas que acompanham a sua práxis” (Streck *et al.*, 2014, p. 10-11), ou a forma de o ser humano existir no mundo por ele criado, mas que se refaz em constante transformação.

Paulo Freire reconheceu a diferença como riqueza fundamental da humanidade. Na esteira do respeito àquilo que se faz diferente, em sentido de uma educação libertadora, foi que

¹ Para o psicanalista, filósofo humanista e sociólogo Erich Fromm (1977, p. 142), a “[...] dominação da mulher pelo homem é o primeiro ato de conquista e o primeiro emprego da força no sentido da exploração do semelhante...”, o que tal-qualmente foi motivo de crítica por parte de Paulo Freire em relação aos princípios quase que absolutos do patriarcalismo arraigado na sociedade brasileira, inclusive entre os oprimidos.

propôs uma ética universal para o ser humano. Sob esse prisma, estar no mundo exige ser livre, íntegro e ético, numa espécie de *modus operandi* da exigência existencial da condição humana. A ética universal do ser humano, como assim a propôs, não é determinista². Não visa a igualar as diferenças ou a ser uma categorização abstrata das ações e do comportamento humanos em sociedade. Assim escreveu:

Quando, porém, falo da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana. [...] Na verdade, falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo de sua vocação ontológica para o ser mais, como falo de sua natureza constituindo-se social e historicamente não como um *a priori* da História (Freire, 1996, p. 18).

Vocação essa que, de alguma maneira, concretiza-se como natureza humana em processo de libertação. Por ser capaz de se reinventar, o homem livre busca constantemente *ser mais*, porquanto nada do que pode ser humanizado está posto de forma definitiva à experiência humana. Dito de outra forma, “[...] significa que o ser humano se move para constituir a sua humanização” (Leite, 2021, p. 3), reconhecendo a necessidade de reinventar, em seu tempo histórico, o processo civilizatório. E a educação crítica e libertadora é a instância privilegiada para ocorrer, concomitantemente, o processo de eticização e de libertação.

Tal noção ética prescinde da necessária luta pela libertação do oprimido, dos *deserdados da terra*, de seus lares, das escolas. O propósito de uma ética libertadora, nessa compreensão, é garantir que todo ser humano viva com dignidade e não seja opressor de si mesmo nem do outro. A isso se poderia, da mesma forma, chamar de ética do oprimido em paralelo à pedagogia do oprimido que, através da sua palavra eticizante, anuncia as boas novas da libertação e denuncia as situações opressivas. Na lógica de uma e da outra, toda “[...] opressão é um fenômeno concreto, histórico, existencial, vivencial, vivido, na concretude da carne, do corpo dilacerado das grandes maiorias excluídas da mesa do pão, do diálogo, da alegria, da vida” (Andreola, 2014, p. 88) e da educação humanizadora. A partir de um sentido

² Há que se entender que, em Paulo Freire, a História é vista como tempo de possibilidades, pois compõe a habilidade humana de observar, conhecer, comparar, avaliar, fazer escolhas e rupturas e, acima de tudo, eleva o homem à condição de responsável por suas ações no mundo e em relação ao outro. Apenas o homem é capaz de ser ético ou de transgredir os princípios da sua própria eticidade. Assim sendo, não se pode “[...] educar para a democracia, para a liberdade, para a responsabilidade ética na perspectiva de uma concepção determinista da História” (Freire, 2000, p. 126), o que é contestado peremptoriamente pelo respectivo educador em todo o seu pensamento.

ético universal, foi que Paulo Freire sugeriu pensar as relações humanas radicalizadas no educador e no educando que, em comunhão, eticizam e libertam um ao outro.

Todo ser vivo habita o mesmo mundo que os seres humanos, mas apenas esses, enquanto seres conscientes de si, são capazes de dar sentido a sua realidade e eticizá-la. É endereçado a esse mundo em comum que Paulo Freire propôs uma ética que visualiza “[...] a solidariedade enquanto compromisso histórico de homens e mulheres” (Freire, 1996, p. 11) desejosos de um mundo melhor. Assim, a solidariedade, como compromisso histórico, assenta a ética universal do ser humano na concreticidade em que esse radica seus sonhos, utopias, projetos, esperanças...

A ética, em qualquer configuração teórica é, antes de tudo, humana. Pensa as situações humanas, mesmo que, em alguns casos, não consiga fugir de um delineamento formal, abstrato ou fatalista. Nenhuma configuração ética, portanto, é absoluta. Tal como os seres humanos, que são mutáveis e suscetíveis a riscos, os modelos éticos sujeitam-se às mesmas contingências. Por essa razão, inexistente uma ética sempiterna ou desconexa das situações humanas intrínsecas na dinâmica do mundo. Não existe, por exemplo, ética entre os tigres ou entre as abelhas. Apenas os seres humanos são categorizados como éticos e, em sentido oposto, antiéticos. São seres axiológicos, que hierarquizam seus valores e crenças, ao mesmo tempo que, existencialmente, escolhem como ser e existir no mundo que, inclusive, podem transformá-lo.

De uma perspectiva ética humanizadora, com claro senso de justiça social, Paulo Freire recusou o fatalismo neoliberal. Isso o colocou numa posição de vanguarda em relação às concepções pedagógicas conservadoras, preocupadas com uma ética desenraizada do homem concreto e alheia às emergências políticas, educacionais, pedagógicas e sociais. A concepção ética neoliberal, por ora atual e contraditória, inclusive na realidade brasileira, exigida pelo mercado, é uma ética malvada e impassível. Ela silencia o grito do oprimido e se cala ante a opressão que os moralistas revestem de moralidade.

Diante da ética do mercado, caracteristicamente individualista, da qual oprimidos e opressores são reféns, Paulo Freire sugere “[...] lutar pela ética universal do ser humano, pois ela corresponde a uma natureza humana que se vem constituindo através dos tempos” (Freire, 2016, p. 392), como na ação libertadora da pedagogia do oprimido. Daí, o senso de libertação

freiriana de que a “[...] opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida” (Freire, 2019a, p. 90), o que é contrário a uma perspectiva ética, por assim dizer, universal e libertadora, que impossibilita a continuação da ação necrófila do opressor.

É em nome da utopia de uma ética universal, compreensiva de todo ser vivo, que deve ocorrer a urgente transformação do ser humano, para que se superem as injustiças desumanizantes e, por consequência, destruidoras do mundo, que não pertence unicamente aos seres humanos. Tal concepção implica a consideração ao outro, a afeição ao mais frágil, o respeito à vida humana, vegetal, animal e o amor ao mundo, “[...] o cuidado com as coisas, o gosto da boniteza, a valorização dos sentimentos” (Freire, 2000, p. 66), o esperar de *ser mais...* Essa compreensão da vida e do mundo opõe-se, radicalmente, aos reducionismos da ética mercadológica. Consoante a Paulo Freire, é impossível uma democracia autêntica estabelecida nesse tipo de ética, que apenas se deixa excitar pelo lucro, que instaura e preserva a opressão. De outro lado, fundamentou a crença na democracia através da competência de quem resiste às ideologias opressivas de seu momento histórico.

O autor de *Pedagogia dos sonhos possíveis* (2014, p. 102) assegurou que “[...] o foco da educação no mundo neoliberal transforma-se verdadeiramente em como se transformar num consumidor compulsivo, como se transformar em uma máquina eficiente de conhecimento, sem propor quaisquer questões éticas” sobre as situações que produzem oprimidos e opressores. Nesse sentido, Fromm (1977, p. 45) entendeu que “[...] consumir é uma forma de ter, e talvez a mais importante da atual sociedade abastada industrial”, a qual produz ricos e miseráveis, opressores e oprimidos. Diante disso, os educadores têm compromisso ético de denotar as situações de opressão e, conseqüentemente, de desumanização. Oprimir e desumanizar são ações que afetam profundamente a compreensão política, pedagógica e ética freiriana.

Por esse motivo, reserva-se à educação uma prática antropológica, ética e política em sua essência. Papel importante tem a prática educativa libertadora no processo de eticização. Na concepção freiriana, toda prática educativa libertadora valoriza o exercício da vontade, da decisão, da resistência sem, contudo, excluir as emoções, os sentimentos, os desejos, os limites intrínsecos à condição humana. Valoriza, em alto grau, a consciência na história e, acima de tudo, preconiza o sentido ético da presença do ser humano no mundo, no

qual a história deve ser percebida como possibilidade e nunca com determinação ou fatalidade (Freire, 2000) em relação à experiência humana enquanto ação criadora.

Educadores e educandos possuem, nessa acepção, fundamental responsabilidade ética e social na construção de uma sociedade menos má e de “[...] um mundo mais bonito ou menos feio, menos arestoso, em que se pudesse amar” (Freire, 2020a, p. 57), *ser mais* e existir com dignidade. O ser humano se torna bonito quando luta com alegria, esperança, ética, sonhos, utopias, etc. Por isso, o agente educativo precisa dar conta de que não é na licenciosidade que se aprende a ser ético ou íntegro. No entendimento do autor em comento, nem a democracia nem a liberdade inibem a rigorosidade. A vivência autêntica da liberdade significa aventurar-se, arriscar-se, criar. Portanto, a “[...] licenciosidade enquanto distorção da liberdade é que compromete a rigorosidade” (Freire; Faundez, 1985, p. 45) ética, pedagógica, epistêmica, metodológica, etc. A eticização é um compromisso individual e social, que depende do exercício da liberdade na concreticidade das relações humanas.

O processo educativo-ético (ético-educativo) é exigente de constante afirmação de seriedade. Isso demanda que o educador sério e ético não queira impor seu sonho ou tornar-se opressor. Nem a ética nem a liberdade são impositivas. A educação, assim, deve prescindir da formação humanizadora constante. Educador e educando, se alinhados à educação para a liberdade, não se alheiam à rigorosidade ética de suas relações, que são, notoriamente, relações eticizantes. Tais relações reclamam a rigorosidade ética na relação com as pessoas e com os fatos que, em algum sentido, afetam a vida privada e em sociedade. Diante disso, o educador não pode se calar em face do discurso que preconiza a impossibilidade de modificar o mundo, muito menos justificar ou ceder ao fatalismo.

Essa é uma questão importante em Paulo Freire e, por ora, mal compreendida. O rigor ou a rigorosidade de que tanto falou se estende desde a conduta ética até as questões relativas ao conhecimento. Logo, ser rigoroso do ponto de vista ético, epistemológico e metodológico, por exemplo, não é uma prática condizente ao autoritarismo. Conforme reiterou, a “[...] democracia e a liberdade não inviabilizam a rigorosidade” (Freire; Shor, 1986, p. 45) e, ao mesmo tempo, não se pode ser rigoroso sem ser criativo, pois toda criatividade só prospera em liberdade.

Ao se considerar o cuidado ético dos e para com os entes educacionais, a qualificação científica do professor ou da professora precisa condizer com sua integridade ética e rigor epistêmico, metodológico, no intuito de que ética e seriedade juntas não são avessas ao senso estético. Paulo Freire foi categórico ao dizer que duvidar, problematizar, dialogar é uma condição indeclinável do ato educativo. Como sujeito desse importante ato, o educador precisa reconhecer quando, por exemplo, não sabe. E quando isso ocorre, a atitude de procurar saber “[...] é um ato ético do educador ou da educadora sem o qual não se educa” (Freire, 2008, p. 45) nem se eticiza, muito menos se humaniza.

A compreensão ética proposta por Paulo Freire baseia-se na reflexão crítica da existência humana e avaliza a conquista da liberdade pelos próprios oprimidos. Assim sendo, as razões que ligam a educação à ética têm, por princípio, a formação de sujeitos que atentam para as situações de violência, injustiça, miséria e desumanização das relações humanas. A opressão desvincula a relação ética do homem com o mundo e com seus semelhantes. Daí a condição de ser impossível ocorrer formação humana alheia à vivência ética. Por isso,

[...] a formação ética dos professores deve acompanhar, deve ir de mãos dadas com a preparação profissional, científica e tecnológica de futuros professores e professoras de alfabetização. Os requisitos éticos estão se tornando cada vez mais críticos num mundo que está se tornando cada vez menos ético (Freire, 2014, p. 100).

A dinâmica pedagógica, à vista disso, tem como plano de fundo o diálogo eticizante, que promove o reencontro ético dos seres humanos com o mundo e com sua própria humanização em curso. Tão primeiramente quanto a liberdade e a ética, o conceito de diálogo “[...] permite fundamentar ações direcionadas à prática pedagógica e à criação de estratégias de ensino capazes de despertar o senso crítico, ético, estético e a criatividade do aluno” (Pinto, 2000, p. 67) enquanto sujeito em formação. Por esses motivos, pode dizer-se que é uma pedagogia assentada na ética, na atenção à dignidade e focalizada na própria autonomia do educando. A ética é uma força hominizadora constante em toda a obra freiriana. E a educação, para ser eticizante, precisa estabelecer o encontro ético do *eu* com o *outro*. Para além disso, certamente, não se efetiva a educação libertadora e humanizante como indica a pedagogia do oprimido.

Como forma de resistência à barbárie e à visão fatalista, o pensar ético de Paulo Freire opõe-se a toda forma de autoritarismo e desabona as circunstâncias negadoras da

possibilidade de *ser mais*. Por isso, resistir à maldade humana é, de acordo com a pedagogia do oprimido, um imperativo ético. A verdadeira humanização só é possível a partir da ética enquanto práxis libertadora, que só se concretiza, realmente, na dignidade vivida pelos oprimidos que superam a opressão sem, no entanto, desejar a posição do opressor.

Não há, portanto, libertação do oprimido sem recurso à ética e, igualmente, não existe práxis eticizadora sem liberdade. Tal como a educação precisa ser libertadora, a ética se molda nas mesmas exigências. Isso quer dizer que é preciso problematizar as causas da opressão e combater as injustiças que negam a liberdade e a ética enquanto vocação ontológica de todos os seres humanos. A esse respeito, quando se afirma que Paulo Freire toca nas dimensões ontológicas da opressão, não se quer dizer que tenha feito sua análise em nível abstrato, desvinculado das circunstâncias históricas, políticas, socioeconômicas, etc.

Todavia, não existe postura ética isenta de quaisquer circunstâncias contextuais. Paulo Freire mesmo postulou ser inadmissível que a prática educativa fosse neutra, o que condiciona não haver neutralidade ética possível entre educadores e educandos. A educação, como ação de formação humana, deve contrariar toda violação da ética, ou seja, ser contra toda forma de opressão. Por isso, a “[...] educação para a libertação, responsável em face da radicalidade do ser humano, tem como imperativo ético a desocultação da verdade” (Freire, 2020b, p. 108) a fim de que o oprimido mesmo dê conta da necessidade de se autolibertar.

EDUCAR E ETICIZAR

Educar e eticizar são formas de resistência contra a negação da dignidade humana que, em Paulo Freire, coincide com a possibilidade de homens e de mulheres se fazerem sujeitos; por isso, a prática educativa é sempre uma ação eticizante e politizadora. A ética humanizadora repercute, portanto, em todo o processo da educação libertadora. Assim, as relações pedagógicas devem ser práticas éticas condizentes às diferenças concomitantes ao contexto educacional.

Apenas os seres humanos podem fazer uma escolha que se qualifica como ética e, de modo igual, antiética. Ao alcançar a possibilidade de se tornarem éticos, também se tornam capazes de traí-la. A ética ou a conduta ética não constituiu algo infalível. Em virtude disso, Paulo Freire foi contundente ao dizer que não mais que “[...] os seres que se tornaram éticos podem

romper com a ética” (Freire, 1996, p. 52) de forma sumária ou inadvertida. A negação da liberdade ou da ética não ocorre fora do tempo histórico nem das circunstâncias existenciais dos seres humanos. Por essa razão, não é cabível entender a noção de ética sem considerar, na história, “[...] a capacidade do ser humano de observar, de conhecer, de comparar, de avaliar, de decidir, de romper, de ser responsável. De ser ético, assim como de transgredir a própria ética” (Freire, 2000, p. 126) e os limites da liberdade.

Muito menos razoável é pretender eticizar a partir de uma concepção determinista. O que existe é um *estar sendo* ético e um *estar sendo* livre. A ideia de inacabamento sugerida por Paulo Freire vale para a totalidade do homem e suas ações. Afinal de contas, a dimensão do ser humano não é anteposta ao mundo nem é um feito arrematado do destino. Todo esse processo implica a importância de ser agente da mudança, que é tão difícil quanto possível. Daí ser de grande importância compreender o “[...] papel da consciência na história, a questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites” (Freire, 2000, p. 39) circunstâncias, próprios da condição humana no mundo. Nessas circunstâncias, a ética se torna inevitável e, concomitantemente, possível de ser transgredida ainda que sua ruptura seja desvalor e não virtude.

A eticidade, contudo, depende do ser humano livre para dizer sua palavra ou para transformar, reinventar e, acima de tudo, humanizar o mundo. Faz isso enquanto pode ensinar e aprender, tornando-se sujeito da prática educativa que se desdobra na dimensão gnosiológica, estética, ética e política. Há uma exigência eticizadora inerente à prática educativa. Nessa perspectiva, valem as considerações de Paulo Freire ao reiterar que a ética

[...] é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da *pureza em puritanismo*. A ética de que [falava] é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar [itálicos originais] (Freire, 1996, p. 16).

Não resta dúvida de que a prática educativa sem ética não é apropriada nem libertadora. Na verdade, a qualidade ética dessa prática emana das entranhas mesmas da natureza humana que se constitui, historicamente, como vocação para o *ser mais*. Se a ética e a boniteza circundam o eixo dessa prática educativa, não é plausível pensar em educadores e em educandos apartados desse propósito. Para Paulo Freire, na politicidade, que é intrínseca à

prática educativa, estética e ética se entrelaçam para compor a essência da educação libertadora. E, de igual maneira, inexistente prática educativa distanciada dessa tríade constituinte do espírito humano. Mesmo a tão “[...] necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética” (Freire, 1996, p. 32) tal como do amor e da decência.

É impraticável ser boa educadora ou bom educador fora dessa assimilação. Docência e decência, em Paulo Freire, baseiam toda a noção da educação como prática da liberdade e da ética humanizadora. A ruptura com a boniteza conduz à imoralidade, que enfeia o mundo. Por isso, é inconcebível moralidade verdadeira sem a boniteza do ser humano. Por essa razão, a “[...] liberdade, na qual consiste toda moralidade, é um invencível arrancar-se de si mesmo em relação ao futuro” (Lacroix, 1972, p. 122) e ao outro. No momento em que se vive a veracidade necessária à ação de ensinar e de aprender ou de aprender e de ensinar, o ser humano participa “[...] de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (Freire, 1996, p. 24) de se acreditar não estar no mundo por acaso ou por acidente.

Paulo Freire concebeu uma pedagogia que se presta à boniteza da existência humana no mundo e com o outro. Prezou pela ética ao saber que nenhuma experiência ocorre fora da carregada “[...] e dramática relação entre autoridade e liberdade” (Freire, 2000, p. 34) entre o *eu* e o *outro*. Sua concepção pedagógica é impensável fora da de uma compreensão ética libertadora, sem que as pessoas e a sociedade se filiem ao comprometimento mútuo de humanizar e de lutar pela liberdade. Em concomitância ao exposto, humanização e liberdade são inerentes à ética que liberta e promove o *ser mais*. Sem verdadeira transformação ética das pessoas e da sociedade, não é possível libertação plena dos oprimidos; não se cumpre qualquer desígnio, nem ontológico nem existencial. Desse modo, “[...] o processo de transformação é estético, ético, político e cognoscitivo” (Freire, 2008, p. 77) e requer o reconhecimento, cada vez mais, não somente daquilo que se pretende transformar, mas igualmente das razões e das finalidades pelas quais se deve transformar algo ou mesmo como e por que se autotransformar.

A transformação do mundo ou dos seres humanos só pode ser autêntica a partir da ética e da solidariedade assentadas no processo civilizatório. Isso possibilita fazer da ação

pedagógica cotidiana o princípio da nova realidade, pois o “[...] novo já está em processo, brotando de nossas práticas transformadoras, solidárias com a luta dos espoliados” (Streck *et al.*, 2014, p. 17) para se libertarem e, de verdade, se humanizarem. Essa noção, claramente assimilada por Paulo Freire, entende que uma sociedade sem ética, pautada na insolidariedade, até pode existir, mas somente de forma mecânica, desumanizada. À frente das ações humanas, a responsabilidade ética e política não hesita “[...] ante o cinismo do discurso que diz que as coisas são assim porque não podem ser de outra maneira” (Freire, 2019b, 145). Logo, determinismo e fatalismo negam a ética e sustentam o servilismo irrefletido do oprimido.

eticizar o ser humano é uma necessidade inadiável para a filosofia de Paulo Freire. E, do mesmo modo, a defesa da ética é indispensável à vida digna, por meio da justiça, da paz social e da liberdade. Em razão disso, o processo educativo libertador exige problematizar as causas da opressão. Educadores e educandos precisam agir eticamente com o outro, com o mundo e com a vida em geral (ética ambiental). No entanto, é sumamente importante reafirmar que o educador aqui referido foi um defensor perspicaz da ética e não do puritanismo ou do moralismo.

Como alguém que decidiu concretizar sua vocação ontológica do *ser mais*, Paulo Freire assegurou horror às práticas moralistas, bem como preceituou que nenhum puritanismo garante a integridade ética de alguém. Ao considerar a liberdade e a ética como práxis libertadora, vale realçar que o pensamento freiriano ainda faz brotar o sonho e a utopia de que o *ser mais* é sempre possível ao oprimido e ao opressor, que precisam libertar-se mutuamente de suas contingências, negações, injustiças, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Paulo Freire, conceitos como ética, liberdade e *ser mais* são de grande relevância para a sua compreensão de ser humano. Essa trilogia, além da repercussão conceitual que implica grande parte de sua obra, foi também referência de sua práxis pedagógica. Nesse sentido, a visão ética freiriana se baseia numa acepção de homem e de mundo interdependente. Isso quer dizer que nenhum ser humano pode existir sem, de fato, possuir uma relação intrínseca com sua realidade. Em outras palavras, ser ético, ou mesmo o contrário, demanda uma condição existencial muito bem definida.

Dada essa condição, Paulo Freire concebeu que homens e mulheres são inacabados e que, por isso, precisam se engajar num processo de humanização, o que flui para a concepção de uma ética universal do ser humano. Na verdade, esse entendimento condiz com a necessidade de se perceber que todos os seres humanos estão unidos por uma humanidade comum, a qual precisa ser solidária e compreensiva com as diferenças. Assim, respeito àquilo que se faz diferente, como propósito de uma educação libertadora, mostra-se indispensável a uma ética universal para o ser humano. O fato de ser/estar no mundo exige, de tal maneira, ser livre, íntegro e ético, como parte de toda a exigência existencial da condição humana.

A ética universal do ser humano, então proposta por Paulo Freire, não parte de nenhuma visão ética determinista. Quando falou dela, o educador pretendeu uma ética como marca indelével da natureza humana, portanto, indispensável à convivência humana em um contexto rico de diferenças. Essa concepção – da ética universal do ser humano – tem a mesma conotação da vocação ontológica para o *ser mais*, da qual se mostra também indissociável.

Nesses termos, a solidariedade, como compromisso histórico, deve estar inexoravelmente assentada na ética universal do ser humano, constituída ao longo dos tempos, na forma de uma verdadeira ação libertadora. Em sentido oposto, toda opressão é necrófila, porquanto é nutrida pelo amor à morte e pela negação da vida, o que, na prática, é negadora de uma perspectiva ética universal, libertadora e solidária. À vista disso, uma ética universal se mostra compreensiva de todo ser vivo, havendo uma cobrança urgente e permanente de transformação do ser humano para que se oponha às injustiças desumanizantes, necrófilas e destruidoras do mundo, que é uma casa coletiva dos seres humanos e de tudo que é vida e nela vive.

REFERÊNCIAS

ANDREOLA, Balduino Antonio. **Interdisciplinaridade na obra de Freire: uma pedagogia da simbiogênese e da solidariedade**. In: STRECK, Danilo et al. Paulo Freire: ética, utopia e educação. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020a.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 69. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

- FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 12. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. 35. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do compromisso: América Latina e educação popular**. Indaiatuba: Villa das Letras, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo. UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FROMM, Erich. **Ter ou ser?** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- LACROIX, Jean. **Marxismo, existencialismo, personalismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- LEITE, Vania Finholdt Angelo. **Ser Mais: coerência entre a vida e o conceito de Paulo Freire**. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 16, e2116581, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 22/10/2021.
- MEJÍA, Marco Raúl. **Paulo Freire na mudança de século: um chamamento para reconstruir a práxis impugnadora**. In: STRECK, Danilo et al. *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- PINTO, Heldina Pereira. **O educador frente ao conflito dos saberes do aluno e os saberes escolares**. In: SAUL, Ana Maria. *Paulo Freire e a formação de educadores: múltiplos olhares*. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.
- STRECK, Danilo (et al.). **Paulo Freire: ética, utopia e educação**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Recebido em: *Março/2024*.

Aprovado em: *Maió/2024*.